

Estudos de Tradução: explorando uma perspectiva feminista da tradução¹

Beatriz Cagnolati²

Tradução:

Alexia Gonçalves Pokorski
Ana Letícia Prado de Campos
Cláudia Xavier Faria
Iago Marques Barragan
Stéphanie Oviedo Ferreira³

Supervisão:

Cleci Regina Bevilacqua⁴

Resumo: Este trabalho apresenta a transformação dos Estudos de Tradução a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero, dois campos de conhecimento multi e interdisciplinares. Em relação aos Estudos de Tradução, a *virada cultural* ocorrida nos anos 80 marca o momento em que a tradução é incluída no conjunto dos subsistemas culturais, com interesses competitivos e sujeitos às ideologias conjunturais predominantes (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 37). Paralelamente, no Canadá, se estabelece um campo de estudo particular, que vincula os desenvolvimentos transculturais e translinguísticos, emergidos dos movimentos feministas dos anos 70, à produção e recepção de textos, envolvendo a pesquisa em Tradução e Gênero. Nesse contexto, surge a noção de *tradução no feminino* ou *reescrita no feminino*, que se propõe a subverter a linguagem patriarcal e reivindicar, por sua vez, as ideias feministas (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991). As estratégias discursivas e textuais utilizadas para resolver os problemas de tradução relacionados com o gênero (*suplementação* ou *compensação*, a *metatextualidade*, o *sequestro* e o *pacto especular*) costumam recorrer ao emprego de uma linguagem com alterações semânticas, neologismos ou inovações linguísticas, que visam questionar a língua atual e visibilizar a presença feminina (CASTRO VÁZQUEZ, 2008, p. 296-298). Neste trabalho, enfocamos na discussão e na exemplificação de tais estratégias.

Palavras-chave: Estudos de Tradução; virada cultural; reescrita no feminino.

Introdução

Este trabalho pretende apresentar a transformação dos Estudos de Tradução a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero, dois campos de conhecimento que reconhecem uma influência multi e interdisciplinar, uma vez que, por um lado, se nutrem de abordagens

¹ Artigo traduzido do espanhol: CAGNOLATI, Beatriz. Traductología: Exploración de un enfoque feminista de la traducción. III Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género, 25 a 27 de setembro de 2013, La Plata, Argentina. Desde Cecilia Grierson hasta los debates actuales. **Memoria Académica**. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3437/ev.3437.pdf. Acesso em: 09 ago. 2021.

² Área de Investigación en Traductología (AIT). Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (IdIHCS-CONICET), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata

³ Alunas e aluno de graduação do Bacharelado em Letras Português - Espanhol da UFRGS. E-mails: alexiapok19@gmail.com, analeticiacamposnh@gmail.com, claudiaxfaria@hotmail.com, iago.barragan@gmail.com, steovfer@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS. E-mail: cleci.bevilacqua@ufrgs.br

diversas — linguísticas, textuais, discursivas, comunicativas, semióticas, pragmáticas, culturais — e, por outro lado, tomam noções de outras disciplinas, ressignificando-as discursivamente, além de criarem seus próprios conceitos. Esta dinâmica orbita na constante complexificação dos estudos considerados.

Segundo Hurtado Albir (2004, p. 130), a tradução é estudada a partir de cinco perspectivas, que não são estanques, mas que enfatizam a prioridade de interesse de um elemento sobre outro — *linguístico, textual, cognitivo, comunicativo/sociocultural, filosófico/hermenêutico*. Como se pode ver, o primeiro lugar da lista é reservado à perspectiva linguística, e as razões para esta posição são (pelo menos) duas: cronológicas, por um lado, e técnicas, por outro. Cronologicamente falando, as abordagens linguísticas inauguram a reflexão científica sobre a tradução ao instalar o problema da heterogeneidade das visões de mundo e da impenetrabilidade dos sistemas gramaticais de duas línguas (MOUNIN, 1963, p. 8); tudo isso repercute nas ideias de traduzibilidade e intraduzibilidade. As razões técnicas decorrem da atividade de tradução propriamente dita, uma vez que quem traduz realiza pesquisas terminológicas, enciclopédicas ou culturais que vão além dos aspectos estritamente linguísticos, mas, no final, a reexpressão será materializada de modo (quase) exclusivo com palavras do sistema linguístico de chegada.

No entanto, o processo mental de tradução sofre interferência das formas do texto original, mas esta influência pode ser reduzida com o uso de estratégias provenientes de fundamentos pragmáticos, comunicativos, culturais ou ideológicos, que ampliam a liberdade de quem traduz.

A este respeito, a historiografia da tradução destaca os anos 80 como o momento da *virada cultural*, porque é o momento em que a tradução é incluída no conjunto dos subsistemas culturais, com interesses competitivos e sujeitos às ideologias conjunturais predominantes (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 37). A atenção se centra nas relações de poder entre escritores, tradutores e público leitor, e se discute, por exemplo, a relação entre ideologia e tradução. Assim, a tradução deixa de ser considerada como um fato empírico definido pela cultura meta ou receptora, para transformar-se em um conjunto complexo de relações e regularidades de traduzibilidade em contextos culturais reais (VUKOVIC, 2012, p. 26-27).

Por sua vez, a perspectiva sociocultural e polissistêmica traz a ideia de que a tradução é uma atividade regida por normas, classificadas como inicial, preliminares e operacionais, de acordo com uma relação hierárquica (TOURY, 2004, p. 97-103). Por exemplo, as normas operacionais linguístico-textuais são aquelas que determinam as escolhas que substituem o

material linguístico-textual do texto original; contudo, essa escolha é condicionada pelas normas supraordenadas (inicial e preliminares) que respondem a decisões políticas, econômicas, culturais ou ideológicas. Em outras palavras, a posição e a função sistêmica de uma tradução determinam sua configuração linguístico-textual superficial e regem as estratégias que são ativadas na produção discursiva (TOURY, 2004, p. 49-50).

Surge, assim, a noção de manipulação associada à noção de intertextualidade dentro da língua-cultura receptora, segundo a qual a pessoa que traduz decide variar ou respeitar o valor e a função do seu texto meta. Lawrence Venuti (1995, p. 19) concebe a tradução como uma "prática político-cultural que, por um lado, constrói ou critica identidades ideologicamente marcadas por culturas estrangeiras e, por outro, afirma ou transgride valores discursivos e limitações institucionais na língua-cultura de chegada"⁵. A ideia de ajuste e manipulação do texto original com o objetivo de produzir um texto meta que cumpra a função que lhe foi atribuída no contexto cultural receptor também é defendida por Rosa Rabadán (1994, p. 132-133). A tradução assume, então, o estatuto de recriação, em vez de reprodução servil e, ao mesmo tempo, facilita a visibilidade de quem traduz (CASTRO VÁZQUEZ, 2008, p. 286). Uma das consequências diretas desses posicionamentos é a modificação e até a eliminação do termo equivalência, tão multifacetado e controverso quanto presente em qualquer reflexão e decisão sobre tradução.

No entrelaçamento das ideologias e das relações de poder, estabeleceu-se, no Canadá, por volta dos anos 80, um campo de estudo particular, que vincula os desenvolvimentos transculturais e translinguísticos, emergidos dos movimentos feministas dos anos 70, à produção e recepção de textos; tudo isto envolvendo a pesquisa em Tradução e Gênero. Von Flotow identifica dois paradigmas com diferentes graus de influência nos Estudos de Tradução: o primeiro, marcado pelo nascimento do ativismo feminista e sua forte incidência na tradução; o segundo, caracterizado pela desestabilização do termo gênero (VON FLOTOW, 2007, p. 92-93).

Por sua vez, Castro Vázquez reconhece uma tendência bidirecional entre Estudos de Tradução e Estudos de Gênero, uma vez que, tal como os feminismos exigem atualmente o seu lugar nos Estudos de Tradução, "a tradução luta pelo seu próprio lugar nos Estudos de Gênero": ambos se situam à margem do discurso dominante e são inferiores na hierarquia do poder social. Dessa forma, os componentes da atividade de tradução (processo tradutório,

⁵ As traduções das citações e dos exemplos em português são de autoria das tradutoras e do tradutor. No texto original, a autora usa a tradução de Menéndez (2012, p. 141): "práctica político-cultural que, por un lado, construye o critica identidades ideológicamente marcadas por culturas extranjerasy, por el otro, afirma o transgrede valores discursivos y limitaciones institucionales en la lengua cultura de llegada".

texto traduzido e tradutor) são periféricos em relação à própria criação (processo criativo, texto original, autor); do mesmo modo, "os feminismos são periféricos ao discurso central do patriarcado". (CASTRO VÁZQUEZ, 2008, p. 285-287). Este discurso apela a formas idiomáticas sexistas e discriminatórias que compõem a *linguagem patriarcal*. Em razão disso, os temas centrais dos Estudos de Gênero nos Estudos de Tradução são, entre outros, a crítica à terminologia e às concepções sexistas da tradução, a revisão de traduções de textos escritos por mulheres, a análise de traços sexistas nas traduções ou a crítica às metáforas sexuadas e sexistas (HURTADO ALBIR, 2004, p. 627-629).

Neste contexto de luta e interesse em eliminar traços sexistas, surge a noção de *tradução no feminino* ou *reescrita no feminino*, que se propõe a subverter a linguagem patriarcal e reivindicar, por sua vez, as ideias feministas. A *reescrita no feminino* implica um duplo esforço: passar da língua original para a língua de chegada e, além disso, da língua patriarcal dominante para uma língua não-sexista (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991 *apud* HURTADO ALBIR, 2004, p. 628).

1. A neutralização e a feminização ou especificação

Um dos problemas da *reescrita no feminino* é a tradução do gênero linguístico em línguas de trabalho que não compartilham o mesmo comportamento gramatical. Há duas maneiras de resolver esta questão: a partir da neutralização e da feminização ou especificação. Na primeira, procura-se encontrar um caminho que reúna todo um grupo e que evite o uso marcado pelo gênero: a opção é por usar formas verbais (quem traduz, a pessoa que traduz, em vez de o/os tradutor/es) ou nominais neutras (vizinhança, em vez de vizinhos). A feminização, pelo contrário, recorre aos mecanismos explícitos de visibilização como a duplicação de determinantes (*os e as/as e os*) e o uso de signos tipográficos (barra: o/a escritor/a; arroba: @s alun@s; xis: xs alunxs).

Exemplifiquemos as duas tendências com o contraste entre a palavra em francês *enfant* e seu correspondente em espanhol *niño* (menino) ou *niña* (menina): a marca de gênero de *enfant* é vista na forma de algumas séries de determinantes (*un/une*) e dos adjetivos que circunstancialmente o acompanham. Desse modo, as expressões *une enfant gentille* ou *un enfant gentil* evidenciam o gênero, mas o mesmo não acontece em *des enfants vulnérables*, uma vez que nem o determinante plural nem o adjetivo estão marcados pelo gênero e acabam por ficar apagados se o contexto está desprovido de marcas adicionais. Tanto em espanhol quanto em francês, o plural masculino absorve o feminino (*los niños vulnérables/os meninos*

vulneráveis). Por isso, o mecanismo de neutralização evita essas formas e busca um enunciado do tipo *la niñez vulnerable* (as crianças vulneráveis) ou *la infancia vulnerable* (a infância vulnerável), enquanto a feminização ou especificação deixa nítido que o sistema de linguagem é insuficiente para abranger o gênero feminino e mostra isso por meio de criações do tipo *l@s niñ@s vulnerables* (@s menin@s vulneráveis) ou *lxs niñxs vulnerables* (xs meninxs vulneráveis).

Além das duas modalidades indicadas anteriormente, a intenção de tornar-se visível dentro de uma linguagem patriarcal faz com que a produção discursiva feminista recorra a alterações semânticas, neologismos ou inovações linguísticas que não sejam indiferentes a quem lê.

A renomada escritora canadense Nicole Brossard expressa essa ideia da seguinte forma:

J'aime exister en direct, que l'écriture déclenche des frissons face aux énoncés radicaux, aux licences syntaxiques et grammaticales, aux audaces sémantiques. (1998, p. 104)

Me gusta existir en directo, que la escritura me haga estremecer ante enunciados radicales, licencias sintácticas y gramaticales u osadías semánticas. (tradução da autora)

(Eu gosto de existir literalmente, que a escrita me faça estremecer ante enunciados radicais, licenças sintáticas e gramaticais ou ousadas semânticas).

Com a finalidade de descrever a tradução feminista, Castro Vázquez (2008, p. 293-298) propõe as seguintes estratégias discursivas e textuais: a *suplementação* ou *compensação*, a *metatextualidade*, o *sequestro* e o *pacto especular*.

A seguir, aplicamos essa classificação à obra de Nicole Brossard (1998) *Elle serait la première phrase de mon prochain roman*, traduzida para o inglês por Susanne de Lotbinière-Harwood, com o título *She would be the first sentence of my next novel*. O livro apresenta como evolui a relação da autora com a literatura e com a língua, evolução no decorrer da qual se interseccionam informações e processos da própria escritora que a vinculam estreitamente à geografia de Montreal, sua cidade natal:

Montréal respirait telle une ressource linguistique, une génératrice de calembours et de métaphores. De l'est à l'ouest, la rue Sherbrooke était devenue un trajet de vie rempli de haltes érotiques et polysémiques. Dans le dédale des métaphores, elle avait fait de Montréal une partenaire essentielle pour exprimer la dimension ludique et contemporaine de l'urbaine radicale, de la fille en combat qu'elle disait être dans la cité. (1998, p. 58)

Montreal respiraba como si fuera una expresión lingüística, una generadora de retruécacos y de metáforas. De este a oeste, la calle Sherbrooke se había convertido en un trayecto de vida lleno de lugares eróticos y polisémicos. En el laberinto de las metáforas, ella había hecho de Montreal una compañera esencial para expresar la dimensión lúdica y contemporánea de una mujer urbana radical, de una chica de ciudad dispuesta a todo, como decía serlo. (tradução da autora)

(Montreal respirava como se fosse uma expressão linguística, uma geradora de jogos de palavras e metáforas. De leste a oeste, a rua Sherbrooke se transformara em um trajeto de vida cheio de lugares eróticos e polissêmicos. No labirinto das metáforas, ela fizera de Montreal uma companheira essencial para expressar a dimensão lúdica e contemporânea de uma mulher urbana radical, de uma garota da cidade disposta a tudo, como ela se dizia ser.)

2. Estratégias da tradução feminista

Como já adiantamos, as estratégias discursivas e textuais que Castro Vásquez registra são a *suplementação*, a *metatextualidade*, o *sequestro* e o *pacto especular*.

2.1 Suplementação ou compensação

A *suplementação* ou *compensação* consiste na intervenção que a tradutora realiza diretamente com a finalidade de equilibrar as diferenças entre as línguas-cultura colocadas em jogo como, por exemplo, a marca de gênero.

Na obra que analisamos, e especialmente no último fragmento transcrito em francês, a menção *l'urbaine radicale* (p. 58) não tem marca de gênero em inglês. Por tal motivo, a tradução compensa esse vazio gramatical com a palavra *woman*: “*radical urban woman*”.

Encontramos este recurso habitual nos seguintes exemplos:

la plupart des écrivaines (p. 20) / *that most women writers* (p. 21)

la mélancolie de ses écrivain/es (p. 56) / *the melancholy of its writers, men and women* (p. 57)

Je suis une urbaine (p. 60) / *I am an urban woman* (p. 61)

De nouveaux auteur/es (p. 64) / *New writers, men and women* (p. 65)

Tais mecanismos discursivos de intervenção sobre o texto desaparecem quando a compensação é feita pelo próprio sistema linguístico. No exemplo seguinte, a palavra em

francês *nageuse* é o feminino de *nageur*. Por sua vez, o inglês se vale do possessivo *her* para expressar o feminino:

...comme une *nageuse* qui [...] resurgit avec ses muscles mouillés (p. 26) /
...like a swimmer who [...] resurfaces with *her* wet muscles... (p. 27)

No entanto, comprovamos que às vezes a tradução omitiu a indicação de gênero. Nos seguintes exemplos traduzidos, não se utiliza a estratégia de suplementação e tampouco o sistema da língua dá conta da inclusão de ambos os gêneros:

C'est parce que la littérature isole l'écrivain/e (p.94) / *Because literature isolates writers* (p. 95)

La conversation l'amena à parler des auteur/es (p.116) / *the conversation led her to talking about the writers* (p. 117)

Dentro da categoria que consideramos — suplementação ou compensação —, incluem-se as licenças sintáticas e gramaticais. No exemplo que segue, Brossard intervém sobre a palavra plural em francês *amours* agregando a vogal “-e”, que nessa língua é a marca de feminino. Com isto, a autora cria um significante integralmente feminino⁶¹: ...*évoquer de longues lutttes et amoures*... (p. 50) / ... *to evoke lengthy struggles and she-loves*... (p.51).

Por sua vez, a tradutora colocou em prática um mecanismo presente no sistema da língua inglesa, que consiste em adicionar o pronome *she* como prefixo, neste caso da palavra *loves*, solucionando, assim, a criação linguística da autora.

2.2 Metatextualidade

A segunda estratégia da tradução feminista, a *metatextualidade*, se refere aos paratextos que se inserem nas publicações com a finalidade de explicar as razões das intervenções no texto. Dessa forma, não somente se busca justificar a manipulação do texto original, mas também — e especialmente — tornar visível a tarefa de tradução. Neste sentido, a página seguinte às palavras com as quais o livro é finalizado (“Écrire *je suis une femme* est plein de conséquences.”/ “To write *I am a woman* is full of consequences.”) é um rascunho da tradução da página 86, na qual Brossard expõe sua tese sobre a escrita no feminino. O rascunho dessa página é a amostra instantânea do processo tradutório: a recriação da tradutora

⁶ Cabe ressaltar que a marcação do gênero à palavra em francês “amour” oscila nas gramáticas clássicas (GREVISSE, 1975, § 253).

Susanne de Lotbinière-Harwood se vê nas correções definitivas (palavras eliminadas e novas propostas), nas dúvidas (sinais de interrogação) e nas opções possíveis no momento de “congelar” o processo de tradução (barras). Essas marcas de revisão são alguns dos recursos que evidenciam a natureza da tradução como sucessão permanente das decisões fundamentadas não somente sobre a dinâmica do discurso e a bagagem cognitiva do tradutor (DURIEUX, 1987, p. 42), mas também — e especialmente nas reescritas no feminino — sobre uma posição ideológica sustentada (Ver ANEXO 1).

2.3 Sequestro

A terceira estratégia, denominada *sequestro*, é a apropriação de um texto com a finalidade de transformá-lo em feminista. Não foi possível encontrar essa estratégia no livro de Brossard / de Lotbinière-Harwood, mas, em vez disso, nos remetemos ao título *Re-belle et infidèle*, obra escrita por Susanne de Lotbinière-Harwood (1991). Os Estudos de Tradução identificam como *les belles infidèles* a corrente francesa do século XVII denominada assim, metaforicamente, pelo escritor Gilles Ménage; essas *belas infiéis* designavam as traduções que seguiam o bom gosto da época, como é o caso das traduções de Jacques Amyot; na ideia de beleza da época, podemos prefigurar o conceito contemporâneo de adaptação ao público receptor (CAGNOLATI, 2012, p. 45). Três séculos mais tarde, a partir de um revisionismo guiado tanto pelos Estudos de Tradução quanto de Gênero, Susanne de Lotbinière-Harwood (1991) *sequestra* a metáfora primitiva *les belles infidèles*, a manipula e modifica radicalmente seu sentido com o objetivo de questionar aquela corrente por ver nela uma postura patriarcal e misógina no que diz respeito à tradução (VON FLOTOW, 2007, p. 94).

2.4 Pacto especular

Por último, o *pacto especular*⁷ reside na colaboração ou coautoria entre tradutora e autora, estratégia muito visível na obra sobre a qual nos debruçamos. A capa do livro apresenta uma série de jogos tipográficos e espaciais sugestivos. Nela, aparece uma silhueta humana esfumada e contornada na parte superior pela informação de Susanne de Lotbinière-Harwood como tradutora; na parte inferior da capa, aparece o nome da autora, Nicole Brossard. Também na capa, dividida em quatro partes, a disposição dos títulos em inglês, à

⁷ Castro Vázquez pontua (2008, p.296) que a expressão *pacto especular* pertence à Marie-France Dépêche.

esquerda, e em francês, à direita, confunde o leitor sobre a língua-cultura do texto de origem. Na lombada do livro, a distribuição dos títulos é feita de tal modo que é possível presumir uma coautoria. Por fim, os direitos da tradução para o inglês incluem tanto a autora quanto a tradutora (Ver ANEXO 2).

À guisa de conclusão

Voltamos aos conceitos introdutórios, nos quais apontamos que o humano ato de traduzir denuncia a tensão entre a fidelidade ao original e a liberdade criativa, tensão essa que a virada cultural dos anos 80 desfaz em favor da recriação, com a conseqüente busca pela visibilização da pessoa que traduz.

Por sua vez, a reescrita no feminino pretende solucionar esse dilema, questionando noções tradutórias clássicas como a fidelidade, a equivalência, o texto de origem, o texto meta, entre outras. Particularmente, explorar a reescrita no feminino permite identificar os mecanismos linguístico-discursivos de presença ou de recuperação do gênero feminino que refletem a relação entre o nível macroteórico da ideologia e o micronível linguístico.

No início do artigo, dissemos que a tradução se materializa de maneira (quase) exclusiva com as palavras do sistema linguístico de chegada, modalizando com o advérbio *quase* o uso exclusivo do sistema linguístico em tradução. Tal elucidação é justificada se reformulamos o conceito de tradução de perspectiva feminista.

Referências

BROSSARD, Nicole. **Elle serait la première phrase de mon prochain roman/She would be the first sentence of my next novel**. Traducción al inglés de Susanne Lotbinière-Harwood. Toronto: The Mercury Press, 1998.

CAGNOLATI, Beatriz. Traductología: hacia el nacimiento de una ‘nueva’ disciplina. **La Traductología: miradas para comprender su complejidad**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Serie Estudios/Investigaciones, 42, FaHCE, UNLP, 2012, p. 41-70.

CASTRO VÁZQUEZ, Olga. Género y traducción: elementos discursivos para una reescritura feminista. **Lectora**, 14, p. 285-301, 2008.

DURIEUX, Christine. Qu’est-ce qu’une bonne traduction? **Recueil de tirés à part**. Paris: Centre de recherche en traductologie, ESIT, 1987.

GREVISSE, Maurice. **Le bon usage**. Gembloux: Duculot, 1975.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y Traductología**. Madrid: Cátedra, 2004.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Suzanne de. *Re-belle et infidèle/The Body Bilingual*. Quebec: Women's Press, 1991.

MENÉNDEZ, Marina. El concepto de equivalencia. In: Cagnolati, Beatriz (comp.) **La Traductología. Miradas para comprender su complejidad**. Serie Estudios/ Investigaciones, 42. FaHCE, UNLP, 2012, p. 118-163.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. **El otoño del pingüino**. Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, Servicio de Comunicacion y Publicaciones, 2006.

MOUNIN, Georges. **Les problèmes théoriques de la traduction**. París: Gallimard, 1963.

RABADÁN, Rosa. Traducción, intertextualidad y manipulación. In: HURTADO ALBIR, Amparo (ed.) **Estudi sobre la traducció**. Castelló de la Plana: Universidad de Jaume I, 1994, p. 129-139.

TOURY, Gideon. **Los estudios descriptivos de traducción y más allá**. Metodología de la investigación en estudios de traducción. Traducción al castelhana de Rosa Rabadán e Raquel Merino. Madrid: Cátedra, 2004.

VENUTI, Lawrence (ed.). **The translator's invisibility: A History of Translation**. Londres/ Nueva York: Routledge, 1995.

VON FLOTOW, Luise. Gender and Translation. In: KUHIWCZAK, Piotr; LITTAU, Karin (eds.). **A Companion to Translation Studies**. Clevedon, Reino Unido: Multilingual Matters Ltd, 2007, p. 92-105.

VUKOVIC, Jovanka. “¿Cómo definimos el concepto de traducción?”. In: CAGNOLATI, Beatriz (comp.). **La Traductología. Miradas para comprender su complejidad**. Serie Estudios/ Investigaciones, 42, FaHCE, UNLP, 2012p. 13-40.

ANEXO 1

From 1970 to 1982, writing in the feminine literally problematized the literary apparatus and ultimately that generated a theoretical and critical approach of women such as the body, daily life, memory, in writing to denigrate patriarchal reality and to reconstruct heterosexuality, writing in the feminine was a way to "write the body" and thus to "write the subject" (Lacoste, 2003, p. 109).

Writing in the feminine was a way to "write the body" and thus to "write the subject" (Lacoste, 2003, p. 109). It is within this new approach of the "writing of the body" that we must understand the epistolary genre, which is a genre of knowledge of genres which it has constructed.

Writing in the feminine must be attributed to women. Writing in the feminine must be understood with a gendered realization of genres, without which the feminine I could not have simultaneously questioned its sexuality, since the epistolary and explored the subject as individual and plural.

Writing in the feminine, it must also be said, questioned the epistolary genre... for women were questioning other genres or discourses. It brought an epistemological between women and cast a different light on the great ideological contexts which, under the name of Marxism, counter-culture and postmodernism, transformed cultural life during the 1970s.

Writing in the feminine questioned the epistolary genre... for women were questioning other genres or discourses. It brought an epistemological between women and cast a different light on the great ideological contexts which, under the name of Marxism, counter-culture and postmodernism, transformed cultural life during the 1970s.

This being said, it is important to note that the epistolary genre is not a genre in itself, but a mode of writing that questioned the epistolary genre and explored the subject as individual and plural.

Writing in the feminine, it must also be said, questioned the epistolary genre... for women were questioning other genres or discourses. It brought an epistemological between women and cast a different light on the great ideological contexts which, under the name of Marxism, counter-culture and postmodernism, transformed cultural life during the 1970s.

Writing in the feminine, it must also be said, questioned the epistolary genre... for women were questioning other genres or discourses. It brought an epistemological between women and cast a different light on the great ideological contexts which, under the name of Marxism, counter-culture and postmodernism, transformed cultural life during the 1970s.

ANEXO 2

